

José Pereira Rego. *História e descrição da febre amarela epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*. Posfácio de Sidney Chalhoub. São Paulo: Chão Editora, 2020. 352 p.

Seria muito difícil, senão impossível, escrever sobre o livro *História e Descrição da Febre Amarela Epidêmica que Grassou no Rio de Janeiro em 1850* – ou apenas *História e Descrição* – de José Pereira Rego e com posfácio do Sidney Chalhoub, sem notar o quão semelhante e repetitiva a história se mostra. O livro é publicado em 2020 pela Chão Editora sob coordenação do professor universitário Sidney Chalhoub, autor de livros como *Cidade Febri!*¹ e *Trabalho, lar e botequim*², justamente por conta da pandemia de COVID-19 e as semelhanças com o enfrentamento, as dificuldades e a propagação tanto da febre amarela em 1850, quanto do coronavírus no início dos anos 2020.

Chalhoub destaca, durante o evento de lançamento da obra,³ a mesma sensação de impotência e insegurança ao confrontar as duas doenças que acabaram por se alastrar rapidamente, sem que houvesse um tratamento até então conhecido ou protocolo bem-estabelecido. Apesar do reavivamento repleto de notas de rodapé do texto de Rego, originalmente publicado em 1851, o foco aqui será majoritariamente o posfácio de Chalhoub, muito por conta de suas infusões sobre a relação entre racialização, história, descaso e ineficiência durante este período epidêmico na Corte.

Sempre com pesquisas muito atreladas aos estudos de literatura, Sidney Chalhoub traz em seu posfácio uma alusão ao livro *O Cortiço*, escrito por Aluísio Azevedo e publicado em 1890, para exemplificar essa junção de elementos quentes, úmidos, fervilhantes e propícios a doenças que era a cidade do Rio de Janeiro. O professor utiliza o termo “calor escorchante” para retomar o ambiente em ebulição da capital da Corte nos anos 1850, e, por

¹ Cf. Chalhoub, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

² Cf. Chalhoub, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W-6Ano26SOc&ab_channel=NexoJornal

conta disto, não se afasta muito das palavras usadas por Antonio Candido no reconhecido ensaio “De cortiço a cortiço”⁴, onde também temos essa ideia de o ambiente influir e infligir danos diretamente àqueles que estariam submetidos ao meio. Curiosamente, trazendo para os dias atuais, houve nos primeiros meses da pandemia de COVID-19 diversas teorias de que o clima tropical poderia ser um aliado no combate ao coronavírus, uma vez que a doença seria menos transmissível ou resistente no calor escaldante brasileiro.⁵ Ao longo de quase dois anos de combate à pandemia, o sol brasileiro não se provou um instrumento eficaz, pelo contrário; aqueles sob o território brasileiro experimentaram pouca sorte contra o vírus. Ainda, é interessante notar como o clima especificamente tropical é alvo de discussões tanto no século XIX quanto no XXI, as quais, mesmo que por ideias bastante distintas, acabam revelando que o ambiente era, sim, propício a disseminações sem precedentes até então. Não foram o calor, o sol ou a umidade que ditaram o feroz avanço das doenças, mas as ideias retrógradas, a má-gestão e o descaso funcionaram como velozes propulsores das epidemias.

A análise de Sidney Chalhoub não apenas apresenta o cotidiano no qual José Pereira Rego estava inserido durante a escrita de *História e Descrição*, como também contextualiza muitas das concepções – quase sempre errôneas – em comparação com os dias atuais. Costumeiramente muito delicado, cuidadoso e afirmativo com a história da escravatura no Brasil, Chalhoub destaca como a febre amarela parecia afetar de forma muito distinta as etnias que conviviam no país: imigrantes europeus pereciam às centenas, enquanto africanos e seus descendentes apresentavam mais resistência à doença. Essa diferença, mesmo que a palavra em si não seja citada por Pereira Rego, causa uma espécie de “racialização” quanto à febre amarela, uma vez que as teorias tratavam a aclimação ao clima quente e úmido como um dos fatores definidores nas chances de cura da febre. Os africanos por já estarem acostumados acabavam por reagir melhor à doença do que os recém-desembarcados marinheiros, turistas ou imigrantes europeus.

Torna-se não muito distante a separação entre este ponto e as teorias eugenistas, que viriam a popularizar-se entre as camadas cariocas mais abastadas à época. A ira contra os negros, por não sucumbirem facilmente à febre amarela, pode assemelhar-se com os

⁴ Candido, Antonio. De cortiço a cortiço. *Novos Estudos*, São Paulo: CEBRAP, n. 30 p.111-129, 1991.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/saiba-se-o-clima-no-brasil-pode-ajudar-a-combater-o-novo-coronavirus.ghtml>

eventos que levaram ao protesto denominado “Stop Asian Hate”.⁶ Essas manifestações criticam o ato de civis e personalidades designarem o coronavírus, pelo fato de os primeiros casos de COVID-19 terem sido identificados na China, como um “vírus asiático”. Em outras palavras, o vírus possuía nome, sobrenome e nacionalidade. O crescente preconceito étnico contra asiáticos acaba por intensificar-se muito através de discursos inflamados de xenofobia e desinformação. Se no século XIX os negros sofreram represálias pela sua aparente imunidade contra a febre, em 2019 os asiáticos são erroneamente associados à transmissão de uma pandemia global.

Parece extremamente irônico pensar que um dos maiores empecilhos às medidas de embranquecimento da população brasileira tenha sido uma doença que, em uma estatística inicial, ao mesmo tempo em que poupava a vida dos afro-brasileiros, também dilacerava a saúde do europeu branco recém-chegado. O medo de sucumbir à doença acabava afastando muitos dos tão desejados imigrantes brancos, principalmente durante os meses de verão em que a doença se alastrava com maior facilidade na capital Rio de Janeiro. Essa apreensão nos é mostrada por Chalhoub através de recortes de jornais da época da epidemia que, por sua vez, acabam por remeter novamente à semelhança muito cintilante com o sensacionalismo mostrado também na pandemia de COVID-19. As figuras escolhidas ilustram desde sentimentos mórbidos com esqueletos e figuras que evocam a morte mitológica, até a “descoberta” do mosquito e seus dejetos causadores da febre. Assim como em todo seu texto, Chalhoub é novamente muito feliz na escolha dos recortes e no seu intuito de apresentar ao leitor quais sentimentos e perspectivas perpassavam na população e na mídia à época.

Ainda é considerável notar a figura de José Pereira Rego e a sua atuação na saúde pública brasileira. Apesar de, em especial, o Rio de Janeiro vir a ter outros nomes de importância nos avanços de higiene e saúde – como Pereira Passos, Barata Ribeiro ou até mesmo Oswaldo Cruz –, seria mais cabível uma aproximação de Pereira Rego com o médico John Snow. O britânico, também nos anos 1850, foi o principal responsável pela erradicação da epidemia de cólera na cidade de Londres a partir de uma meticulosa investigação, assim como Pereira Rego. Enquanto os três brasileiros supracitados prezaram, na maior parte dos casos, ações autoritárias e truculentas, Snow e Rego realizaram trabalhos

⁶ Em português algo como: “pare com o ódio contra asiáticos”.

de detetive para tentar solucionar tanto a febre (verde e) amarela quanto a cólera londrina. Não levando em conta como a higiene e as doenças se relacionavam diretamente com a péssima distribuição de renda e de recursos entre os cariocas, Pereira Passos e Barata Ribeiro parecem ter privilegiado exclusivamente os desejos das classes mais altas ao afastar a população carente para as margens da cidade sem meditar quanto às possíveis consequências deste tipo de política pública. Já John Snow por conta de, a certa altura, ter notado que o contágio partia das casas mais próximas ao Rio Thames e, então, espalhava-se pela capital britânica, sugeriu como método o que hoje nos parece simples: ferver a água. Chalhoub, ainda na entrevista de lançamento do livro, expõe que Snow provavelmente não possuía conhecimentos sobre a bactéria causadora da cólera, mas foi capaz de avançar consideravelmente no combate à doença por conta deste estudo a partir do mapa da cidade de Londres. De forma semelhante trabalha Pereira Rego, uma vez que o médico brasileiro ignora muitas das teorias em voga à época, como os miasmas, a homeopatia e o “racismo científico”, que viria a dar forma à eugenia, para dar preferência ao estudo amplo e pautado em métodos menos dúbios do que os tratamentos habituais dos anos 1850.

Ao invés de restringir os estudos de patologias a teorias obscurantistas, Pereira Rego é um dos primeiros a considerar a saúde pública como um conjunto complexo de fatores que abrange, inclusive, questões sociais. Ao entender a cidade quase como um organismo vivo, Pereira Rego exerce, aos olhos de Chalhoub, uma espécie de transição às novas formas de exercer a prática médica e o combate a doenças em que o tratamento ao paciente não bastava para evitar contágios futuros. A classe social, as condições de moradia, o clima e o grau de instrução eram fatores que influenciavam diretamente na transmissão da febre entre os cariocas. Um dos exemplos é que, com o passar do tempo, uma das melhores formas de evitar o contágio acabou sendo acessível apenas para as classes mais abastadas: o verão no município de Parati, longe da cidade febril, dos cortiços e da epidemia.

Uma das afirmações mais enfáticas que podemos fazer é que as semelhanças com a pandemia de COVID-19 se impõem em larga escala. Enquanto as classes mais pobres continuam expostas em ambientes que favorecem o contágio sem uma Parati para chamar de sua, o pêndulo movido por Pereira Rego em prol da ciência aparenta estar retornando à época dos chamados miasmas. Antes da descoberta da microbiologia, acreditava-se que muitas das doenças infecciosas se originavam a partir de elementos pútridos de corpos em

decomposição. Em tempos de defesa à hidroxicloroquina, fica clara a semelhança entre os ultrapassados miasmas e o tratamento precoce⁷ à COVID, uma vez que ambos os métodos acabam por contribuir mais para a doença em questão do que para a sua eventual cura. Assim, o enfoque de Chalhoub reaviva questões importantes por conta das inovações de Pereira Rego, pelo seu pouco reconhecimento enquanto personagem histórico brasileiro e, principalmente, pelo momento epidêmico e ideológico em que o país se se insere atualmente.

Uma relação interessante seria com as ideias do historiador francês Jacques Le Goff que, em alguns de seus textos,⁸ discute a importância da preservação da memória para comunidades, povos ou países ao apresentar a teoria que diferencia “monumentos” e “documentos”. Sendo “monumentos” caracterizados como acontecimentos históricos e “documentos” como materiais produzidos a partir ou sobre esses “monumentos”, podemos tentar esboçar a importância desses objetos compostos durante algum marco para a perpetuação dessas memórias. Então, ao aplicar esses conceitos, podemos dizer que tanto Pereira Rego quanto Chalhoub acabam por produzir importantes documentos sobre significativos ciclos da história e cultura brasileira, contribuindo diretamente para a preservação da memória. Pereira Rego, no fim, acaba por ser mais um exemplo para a lista de grandes nomes que acabam figurando menos do que poderiam na história brasileira e, por consequência, o texto, a iniciativa e os critérios de organização de Sidney Chalhoub adquirem ainda mais relevância. Contexto, lembrança e resgate perpetuam e ecoam tanto no escrito original de Pereira Rego quanto no posfácio do professor, que se vale da conjuntura para prestar uma espécie de homenagem histórica a, até então, benéfica e incontestável passagem do obscuro ao científico. Pereira Rego pôs o pêndulo em movimento. Chalhoub tenta mantê-lo no local adequado.

Ícaro Carvalho

Doutorando na UCLA

⁷ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/19/cfm-diz-ao-senado-que-nao-aprova-tratamento-precoce-contracovid-19>

⁸ Le Goff, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.